

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

Para transcender a colonialidade [To transcend coloniality]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Gallas, Luciano
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-11 12:32:29
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/158703

Para transcender a colonialidade

Luciana Ballestrin considera que é preciso responder às lógicas da colonialidade apostando em outras experiências políticas, culturais, econômicas e de saber

POR LUCIANO GALLAS E RICARDO MACHADO

A professora Luciana Ballestrin explica que a expressão “descolonial” (ou *decolonial*) não deve ser confundida como *mera* descolonização. “Em termos históricos e temporais, esta última indica uma superação do colonialismo; por seu turno, a ideia de *decolonialidade* (ou descolonialidade) procura transcender a colonialidade, a face obscura da modernidade, que permanece operando ainda nos dias de hoje em um padrão mundial de poder”, esclarece ela em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. Segundo a professora, o movimento de “giro descolonial” procura responder às lógicas da colonialidade do poder, ser e saber, com vistas a outras experiências políticas, vivências culturais, econômicas e produção do conhecimento.

“A teoria como um instrumento de poder não é uma elaboração nova, podendo ser encontrada do marxismo ao pós-estruturalismo. Mas a teo-

ria como um instrumento de poder de uma dada região hemisférica escapou a ambos os cânones. Este é um diagnóstico mais político do que teórico e envolve a necessidade da (re)politização da teoria, de alguma forma perdida na infeliz enunciação de que havíamos chegado ao fim da história”, pontua a professora.

Luciana Maria de Aragão Ballestrin é bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, mestre em Ciência Política pela UFRGS e doutora em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, tendo realizado doutorado sanduíche na Universidade de Coimbra, Portugal. Foi professora assistente substituta na UFRGS e atualmente é professora adjunta de Ciência Política e coordenadora do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em síntese, como pode ser definido o “giro descolonial” e seu posicionamento teórico e político pelo colonizado?

Luciana Ballestrin - A ideia de “giro” remete a uma noção de “virada” que talvez seja melhor captada pela palavra em inglês “turn”. No campo das Humanidades em geral esta expressão é utilizada quando ocorre uma transformação, um redirecionamento de determinado assentamento epistêmico, por exemplo, “*linguistic turn*”, “*cultural turn*”.

Por sua vez, a expressão “descolonial” não pode ser confundida com “descolonização”. Em termos históricos e temporais, esta última indica uma superação do colonialismo; por seu turno, a ideia de *decolonialidade* indica exatamente o contrário e procura transcender a colonialidade, a face obscura da modernidade, que perma-

neca operando ainda nos dias de hoje em um padrão mundial de poder.

Trata-se de uma elaboração cunhada pelo grupo Modernidade/Colonialidade nos anos 2000 e que pretende inserir a América Latina de uma forma mais radical e posicionada no debate pós-colonial, muitas vezes criticado por um excesso de culturalismo e mesmo eurocentrismo devido à influência pós-estrutural e pós-moderna.

O *giro decolonial* procura responder às lógicas da colonialidade do poder, ser e saber, apostando em outras experiências políticas, vivências culturais, alternativas econômicas e produção do conhecimento obscuras, destruídas ou bloqueadas pelo ocidentalismo, eurocentrismo e liberalismo dominantes. Concebe a importância da interação entre teoria e prática, buscando dialogar com a gramática das lutas sociais, populares e subalternizadas dos povos que com-

puseram e compõem a invenção da ideia de América Latina.

IHU On-Line- De que forma a herança da colonização ainda impacta os indivíduos e a sociedade no mundo globalizado?

Luciana Ballestrin - Como processo histórico, a colonização produziu uma *situação colonial* — para colonizadores e colonizados — que originou um tipo de *violência específica* nas sociedades encontradas pelos europeus, a *violência colonial*. Tendo implicações políticas, culturais, econômicas e epistêmicas, o colonialismo foi operado e reproduzido junto à constituição de outros processos históricos, tais como capitalismo, racismo, imperialismo, ocidentalismo e epistemicídio. Por exemplo, as origens históricas do problema fundiário e do preconceito de raça — uma categoria mental/cultural/política criada a ser-

vição da hierarquização, classificação e subjugação dos povos — que operam persistentemente no Brasil não podem ser explicadas sem considerar o colonialismo externo e interno. O conceito de colonialidade foi construído para contemporizar o colonialismo, lembrando que, mesmo em um mundo supostamente globalizado, as lógicas imperiais e coloniais operam das mais diferentes maneiras, sobretudo nas questões que envolvem as disputas políticas e econômicas entre o Norte e o Sul Global.

IHU On-Line - Que associação pode ser feita entre os estudos pós-coloniais e os estudos pós-estruturalistas, desconstrutivistas e pós-modernos?

Luciana Ballestrin - Os estudos pós-coloniais, se entendidos como uma escola difundida pelos estudos culturais e literários da década de 1980 na Inglaterra e nos Estados Unidos, possuem forte influência de todas essas correntes. Sobretudo, nas questões que envolvem a desconstrução de binarismos e essencialismos, a elaboração da ideia de um sujeito não ocidental, a aposta na linguagem e no discurso, a importância do lugar de enunciação da fala. Particularmente, prefiro pensar no pós-colonialismo de forma mais ampla, cujas origens podem ser rastreadas antes mesmo de tantas escolas orientadas pelo “pós”, a fim de contemplar escritos anticoloniais como os de Mariátegui, Fanon, Césaire¹ e Memmi².

IHU On-Line - Qual a contribuição da filosofia da libertação para a teoria descolonial?

Luciana Ballestrin - A filosofia da libertação possui bastante influência na inflexão decolonial devido à participação do filósofo Enrique Dussel no programa Modernidade/Colonialidade e sua abertura a teoria crítica latino-americana. Sua influência pode ser observada em várias elaborações do coletivo, com referência especial à ideia de Transmodernidade.

IHU On-Line - É possível perceber, nas sociedades latino-america-

nas atuais, algum grau de decolonização do poder?

Luciana Ballestrin - A corroboração do argumento pela experiência viria contemporaneamente nas tentativas de refundação do Estado, o chamado novo constitucionalismo latino-americano, a luta dos movimentos sociais e a afirmação de identidades historicamente subalternizadas, como indígenas e quilombolas. Em diferentes pontos do continente se observaria a resistência contra a lógica da modernidade/colonialidade e a constituição de outras formas de relacionamento entre sujeito, Estado, direito e política. No plano prático, o projeto de decolonização política vincula-se ao projeto desocidentalização epistêmica, podendo ser encontrado, em nível institucional, mais evidentemente nos governos boliviano e equatoriano. A democracia se veria aprofundada ao tomar outras referências para as ideias de comunidade, território, natureza e cultura dos povos originários. Basicamente, a ressignificação e decolonização da própria ideia europeia e liberal de sociedade civil. Obviamente, este processo não está livre de contradições e problemas, devendo ser analisado com cautela em termos de continuidades e rupturas.

IHU On-Line - E quanto à teoria política, é possível perceber alguma decolonização da academia?

Luciana Ballestrin - A área de teoria política é particularmente resistente, posto que sensível à proposta da decolonização, visto sua vinculação histórica e epistemológica com o eurocentrismo. Contudo, a proposta de provincialização da Europa, a problematização das identidades colonizadas e subalternizadas, a denúncia da permanência das relações de colonialidade e a demonstração das diferentes trajetórias nas sociedades pós-coloniais de conceitos como os de sociedade civil, cidadania e nação, são contribuições do pós-colonialismo válidas para a elaboração de uma teoria política mais pluriversal e mais atenta às questões das democracias pós-coloniais.

IHU On-Line - Há convivência possível entre a proposta de decolonização do saber e o projeto neoliberal de ciências?

Luciana Ballestrin - Idealmente não, mas na prática ela ocorre. Há sempre o risco de uma “moda” acadêmica

que, por mais transformadora que pretenda ser, pode facilmente enquadrar-se em um esquema produtivista e neoliberal do conhecimento, reproduzindo a divisão global do trabalho nas Ciências Sociais. Vários autores das correntes mencionadas trabalham em poderosas universidades do Norte Global, sendo este mesmo um ponto de crítica do qual comumente eles têm de se “defender”. Talvez, o grande paradoxo das teorias do Sul resida na permanência de sua condição periférica, sem a qual se perdem alguns dos seus sentidos.

IHU On-Line - Gostaria de comentar algo não mencionado nas questões anteriores?

Luciana Ballestrin - Tendo a simpatizar com o diagnóstico de **Raewyn Connell**³ de que estamos ante uma revolução eminente na teoria social. Certamente, este não é o sentido empregado ao termo por Thomas Kuhn⁴. A teoria como um instrumento de poder não é uma elaboração nova, podendo ser encontrada do marxismo ao pós-estruturalismo. Mas a teoria como um instrumento de poder *de uma dada região hemisférica* escapou a ambos os cânones. Este é um diagnóstico mais político do que teórico e envolve a necessidade da (re)política da teoria, de alguma forma perdida na infeliz enunciação de que havíamos chegado ao fim da história.

Leia mais...

- *Paraguai e o golpe do colonialismo interno*. Artigo de Luciana Ballestrin na revista Carta Capital, publicado nas **Notícias do Dia**, de 29-06-2012, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/1ifOuqq>.

³ **Raewyn Connell** (1944): cientista social australiana, conhecida por seu trabalho nos campos da sociologia, educação, estudos de gênero, ciência política e história. Atualmente, é professora da Faculdade de Educação e Serviço Social na University of Sydney e membro da Academy of Social Sciences in Australia. (Nota da IHU On-Line)

⁴ **Thomas Kuhn** (1922-1996): físico norte-americano, cujo trabalho incidiu sobre história e filosofia da ciência, tornando-se um marco importante no estudo do processo que leva ao desenvolvimento científico. Sua obra mais conhecida é *A estrutura das revoluções científicas*. (São Paulo: Perspectiva, 2003). (Nota da IHU On-Line)

¹ **Aimé Fernand David Césaire** (1913-2008): poeta, dramaturgo e ensaísta francês nascido na Martinica, cuja obra foi marcada pela defesa das causas negras. (Nota da IHU On-Line)

² **Albert Memmi** (1920): escritor e ensaísta francês nascido na Tunísia. (Nota da IHU On-Line)